

A interpretação de Pierre Aubenque dos usos filosóficos da analogia em Platão

*Nem tudo tinham os antigos, nem tudo têm os modernos;
com os haveres de uns e outros é que se enriquece o peculio commum.*
(M. de Assis, Instinto de Nacionalidade)

Resumo

O objetivo deste artigo é o de apresentar a interpretação de Pierre Aubenque sobre o uso da noção de analogia na célebre passagem da Linha dividida na República VI, 509d-511e, e articular as suas conclusões com comentários extraídos de outros textos, nos quais Aubenque faz referência à questão mais geral da analogia e sua significação metafísica em Platão.

Palavras-chave: Analogia . Linha dividida . Metafísica

Abstract

The aim of this paper is to present Pierre Aubenque's interpretation of the use of term analogy in the famous passage on the Divided Line in Plato's Republic VI, 509d-511e. Aubenque's conclusions are then articulated in relation to commentary found in other texts of him, which refer to the more general question of analogy and its metaphysical meaning in Plato.

Key words: Analogy . Divided line . Metaphysics

* PPGF, UGF.

O vocábulo analogia, tal como se emprega correntemente, significa relação entre duas ou mais coisas que portam algum traço comum. Em seu sentido próprio¹, a analogia designa uma identidade de relações, como dizemos em matemática que $a/b = c/d$.

Podemos afirmar que a transposição da proporção matemática, *ἀναλογία* em grego, para o domínio da filosofia² realizada por Platão, enriqueceu a reflexão filosófica de um novo instrumento capaz de operar em diversos domínios do saber. Aristóteles será o herdeiro deste procedimento, aplicando o conceito, não só aos problemas metafísicos, mas também a toda realidade mensurável.

Entretanto, é preciso analisar detalhadamente cada autor, obra e o contexto da passagem em que aparece a *analogia*, para que, somente então, possamos avaliar as suas conseqüências filosóficas. A tendência tradicional³ em generalizar a sua importância, no contexto da filosofia grega clássica, ofuscou

-
- 1 A *ἀναλογία* significa *ἰσότης τοῦ λόγου*, segundo o mesmo *λόγος*, mais precisamente, uma igualdade de pelo menos duas relações (Lalande, A. *Vocabulário Técnico e Crítico da Filosofia*. Trad. Fátima Sá Corrêa, Maria E. V. Aguiar, José E. Torres e Maria G. de Souza. São Paulo: Martins Fontes, 1993, p. 55-56). Os latinos (Cícero, Boécio) a traduziram por *proportio*, mas a palavra grega prevaleceu na linguagem filosófica. Em seu uso atual a palavra analogia significa, em sentido mais geral, proporção, mas também relação e semelhança (Bounois, O. *Les notions philosophique*. Vol. II. Paris: PUF, 1990, p. 80-83). Todos estes elementos fazem parte do conceito metafísico da analogia. Esta multiplicidade de sentidos no conceito da analogia é carregada de conseqüências filosóficas, as quais fazem a analogia oscilar entre um sentido mais rigoroso, de uma igualdade de relações, ou um sentido de uma mera semelhança entre duas coisas.
 - 2 A analogia como figura do discurso aparece nas comparações dos versos homéricos, desabrocha em *Da Natureza* de Empédocles e no corpus hipocrático; ganha uma primeira versão formalizante em Arquitas de Tarento e retorna nos diálogos da segunda navegação de Sócrates de Platão, no inquérito sobre a alma e as Idéias, onde Sócrates se confronta com o 'pré-socratismo' dos seus interlocutores e com o seu próprio. Bruno Snell analisou várias ocorrências da analogia de Homero aos pré-socráticos onde constrói uma trajetória da passagem da concepção mítica ao pensamento lógico. Snell, B. *A cultura grega e as origens do pensamento europeu*. Trad. Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 2001, p. 195-228.
 - 3 A partir, sobretudo dos estudos de P. Aubenque sobre a *analogia* em Aristóteles – em que critica a existência, de fato e de direito, de uma doutrina da *analogia do ser* em Aristóteles, sustentada abertamente pelos neotomistas do séc. XIX – tornou-se legítima uma suspeita sobre as bases textuais e filosóficas da tese tradicional. Nossa hipótese geral é a de que esta tradição se estendeu para além do comentário de Aristóteles, e produziu uma segunda projeção da temática da *analogia* medieval nas interpretações sobre a importância e a significação deste conceito em Platão. Não é difícil percebermos o otimismo excessivo de comentários, que são direta ou indiretamente influenciados pela neoescolástica, sobre o papel da *analogia* em Platão: “Bien que Platon ait ignoré la structure analogique de la notion d'être, il est à l'origine de l'emploi philosophique de l'analogie... il a transposé sur le plan proprement philosophique ces méthodes dont il fut le premier à percevoir la fécondité illimitée”. Grenet, Paul. *Les origines de l'analogie philosophique dans les dialogues de Platon*. Paris: Éditions Contemporaines, 1948, p. 16. Encontramos também em G. Rodier (*Études de Philosophie Grecque*. Paris: Vrin, 1969, p. 69) a idéia de que *analogia* platônica dos princípios prefigura a teoria aristotélica da *analogia do ser*.

mais do que esclareceu os seus usos efetivos, como podemos constatar a partir dos próprios textos de Platão e de Aristóteles.

Ainda que às vezes a palavra *ἀναλογία*, que em grego significa proporção, não esteja presente, em determinadas passagens podemos inferir que é dela de que se trata. Em uma passagem das mais comentadas na história da filosofia (*República*, VI, 509d-511e), Platão estabelece uma divisão de uma linha imaginária em que alguns comentadores argumentam que o filósofo estaria utilizando o recurso da proporção matemática mesmo sem mencionar explicitamente o conceito de analogia.

Vejamos o que diz Platão no início da passagem da divisão da Linha:

– Toma, pois, uma linha cortada em dois segmentos *desiguais*, um representando o gênero visível e outro o gênero inteligível, e secciona de novo cada segmento *segundo a mesma proporção*; terás então, classificando as divisões obtidas conforme o seu grau relativo de clareza ou obscuridade, no mundo visível, um primeiro segmento, o das imagens – denomino imagens primeiro as sombras, depois os reflexos que avistamos nas águas, ou à superfície dos corpos opacos, polidos e brilhantes, e toda as representações similares; tu me compreendes? ⁴

Esta passagem ocupou sempre um lugar de destaque nos comentários da filosofia de Platão. Podemos apontar como uma das razões deste fato, o complexo conjunto de problemas filológicos e filosóficos apresentado por este texto, o qual, ainda hoje, causa profundas divergências entre os comentadores⁵.

-
- 4 Os pontos discutidos, desde a antiguidade, no estabelecimento deste texto versam, em primeiro lugar, sobre a desigualdade (*ἄνισα*) ou não (*ἴσα*) da primeira divisão do segmento de reta sugerida por Sócrates. Mais adiante comentaremos a interpretação de P. Aubenque que defende a primeira leitura, ou seja, divisão desigual (*ἄνισα*). Em segundo lugar a expressão “segundo a mesma proporção” (*ἀνά τὸν αὐτὸν λόγον*) quando da segunda divisão, esta expressão confirma, para aqueles que a defendem, a presença da estrutura proporcional da divisão. Ambas as expressões foram por nós sublinhadas no texto citado. Platon. *La République*. Introduction, traduction et notes par Robert Baccou. Paris: GF Flammarion, 1966, p. 267. Ver as excelentes notas 441 e 442, p. 437-439. Há uma tradução desta obra em português por J. Guinsburg. 2vol. São Paulo: Difel, 1965. A passagem citada e as respectivas notas desta tradução encontram-se no vol. 2, p. 97-98.
- 5 Uma pesquisa bibliográfica e crítica sobre as principais controvérsias entre os comentadores da passagem da Linha pode ser encontrada em: Lafrance, Y. *Pour interpréter Platon. La Ligne en République VI, 509d- 511e. Bilan analytique des études (1804-1984)*. Montréal-Paris: 1987. E em “Platon et la géométrie: la construction de la Ligne en *République*, 509d- 511e”. In: *Dialogue*, Vol. XVI, 3, 1977.

O que faremos aqui é algo muito circunscrito, e não tem nenhuma pretensão de explicar e comentar o texto de Platão, mas, tão somente, o de acompanhar a interpretação de P. Aubenque⁶ sobre o uso da *analogia* na passagem da Linha, articulando as suas conclusões neste ensaio com outras passagens onde ele faz referência à questão mais geral da *analogia* e sua significação simbólica em Platão⁷.

Ao consultarmos os dicionários técnicos de filosofia⁸, constatamos facilmente que a palavra grega *ἀναλογία* (*analogia*) possui, em seu sentido etimológico (primitivo e próprio), o significado de uma identidade de relações que une dois ou mais pares, ou seja, uma relação de proporção tal como se dá na matemática. Sua fórmula padrão é $a/b = c/d$. O primeiro termo a se relaciona com o segundo b , assim como o terceiro c se relaciona com o quarto d . Essa proporção denomina-se proporção geométrica.

A criação do conceito da *analogia*, ou melhor, de uma teoria das proporções, iniciou-se com o pitagórico Arquitas de Tarento (440-360), matemático contemporâneo de Platão, que nos forneceu pela primeira vez uma teoria, inicialmente musical, na qual ele subdividia as proporções em três tipos: *proporção aritmética*, quando o primeiro termo excede o segundo tanto quanto o segundo excede o terceiro ($a-b = b-c$); *proporção geométrica*, quando o primeiro se relaciona com o segundo como o terceiro a um quarto ($a/b = c/d$), se os termos médios não forem iguais a proporção é dita *descontínua* e se forem iguais é dita *contínua* ($a/b = b/c$); e a terceira forma, *proporção harmônica*,

-
- 6 Aubenque, P. "De l'égalité des segments intermédiaires dans la Lingne de la République", *Sophies Maietores (Chercheur de sagesse)*. Paris: 1992, p. 37-44. P. Aubenque nos adverte, logo de saída, que contrariamente à tradição do comentário antigo desta passagem, que segue o uso instituído pelo próprio Platão, trata-se rigorosamente de um segmento e não de uma linha (*γραμμική*).
- 7 Não existe um estudo de P. Aubenque onde pudéssemos encontrar uma abordagem sistemática da *analogia* na obra de Platão, como a que fez sobre Aristóteles. Como já dissemos, os estudos de P. Aubenque sobre a *analogia* se concentram em Aristóteles e em seus comentadores. Uma análise destes estudos encontra-se em nosso artigo "Pierre Aubenque e a idéia da analogia do ser aristotélica", publicado em *O que nos faz pensar*, nº 15, agosto de 2002, p. 169-183. Seus textos sobre a *analogia* em Platão são referências, indicações, que aparecem na medida em que é preciso marcar as identidades e as diferenças com a *analogia* em Aristóteles. Utilizaremos, além do seu artigo já citado, três artigos, dos quais extrairemos suas afirmações sobre a *analogia* em Platão: "Les origines de la doctrine de l'analogie de l'être". In: *Les Études Philosophiques*, n. 1/1978. "Sur la naissance de la doctrine pseudo-aristotélicienne de l'analogie de l'être". In: *Les Études Philosophiques*, n. 3-4/1989. "Neoplatonisme et Analogie de l'être". In: *Melanges offerts à Jean-Trouillard, Cahier de Fontenay*, n. 17-22, 1981.
- 8 Lalande, A. *Vocabulário Técnico e Crítico da Filosofia*. Trad. Fátima Sá Corrêa, Maria E. V. Aguiar, José E. Torres e Maria G. de Souza. São Paulo: Martins Fontes, 1993, p. 55-56. Bounois, O. "Analogie". In: *Les notions philosophique*. Vol. II. Paris: PUF, 1990, p. 80-83.

quando o primeiro excede o segundo por uma parte dele mesmo e o segundo excede a um terceiro pela mesma parte ($a/b = a/x$, $b/c = b/x$)⁹.

A sistematização desta teoria das proporções foi feita mais tarde por Euclides (IV-III d.C.), que apresentou uma definição mais elaborada¹⁰. Segundo Euclides, a proporção é a equivalência de duas relações entre grandezas homogêneas, ela é então composta essencialmente de quatro termos: o segundo e o terceiro são ditos médios por oposição aos extremos. Quando os dois médios são iguais a proporção oferece apenas três termos cuja seqüência engendra uma progressão.

Foram os matemáticos gregos, os primeiros a definirem e a classificarem as relações que, no conjunto, constituem a *teoria das médias*¹¹. Das três formas de *analogia*, a que nos interessa aqui é a *analogia* ou *proporção geométrica* (*contínua e descontínua*), que passou a ter um papel marcante em Platão e Aristóteles.

Arquitas, além de ser considerado uma das mais importantes figuras do pitagorismo antigo por ter elaborado, entre outras coisas, a teoria das proporções: aritmética, geométrica e harmônica; desempenhou também ao longo do IV século o cargo de governante da cidade de Tarento¹². Parece, contudo, que Arquitas foi um dos primeiros a utilizar o conceito da *analogia* fora do domínio estrito da matemática; sua definição da política¹³ como sendo um problema de proporção, confirma esta hipótese.

-
- 9 Os textos, ou as fontes, onde podemos encontrar referências ao pitagórico Arquitas de Tarento foram reunidos e traduzidos por J. -P Dumont em "Archytas". In: *Les Présocratiques*. Paris: Gallimard, 1988, p. 518-539.
- 10 Vuillement, J. *De la logique à théologie, cinq études sur Aristote*. Paris: Flammarion, 1967, p. 13.
- 11 Pichot, André. *La naissance de la science*. Paris: Gallimard, 1991, p. 142-143.
- 12 Centrone, B. "Archytas de Tarente". In: *Dictionnaire des philosophes Antiques*. Vol. I. Paris: Éditions du CNRS, 1989, p. 339-342. Frère, J. "Archytas de Tarente". In: *Les Oeuvres philosophiques*. Vol. III. Paris: PUF, 1990, p. 37. Jean Pierre Vernant, no ensaio "Espaço e organização política na Grécia antiga", incluído no livro *Mito e pensamento entre os gregos* (Trad. Haiganuch Sarian. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990, p. 238), descreve como no séc. IV a. C., particularmente com Arquitas, se deu o estreitamento das relações entre geometria e política, em que noções matemáticas foram utilizadas como forma de resolver os problemas sociais colocados pela crise da cidade.
- 13 Sabemos que a aplicação da *analogia* aos fatos políticos tem uma "origem pitagórica", o que não nos esclarece em nada, dado a situação delicada dos textos de que dispomos, entretanto, podemos supor que Arquitas tenha sido o primeiro a formular um conceito de justiça onde doravante a estrutura analógica, bem definida, passa a ter uma importância capital. Em Platão encontramos a formulação da Idéia de que a igualdade geométrica é o princípio da justiça distributiva (Leis, VI, 757b-c; *República*, VIII, 558c). O conceito aristotélico de *justiça distributiva*: o justo é um tipo de proporção, *analogia*. (Ét. a Nic., I, 5, 1131 a 29), o qual é um desdobramento da formulação platônica, representa o ponto de chegada de um processo que tem, nestes esboços pitagóricos (os de Arquitas?), o seu ponto de partida.

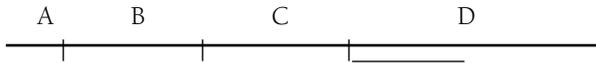
Talvez, tudo o que sabemos sobre Arquitas, matemático, político etc. teria sido esquecido se ele não tivesse conhecido Platão (*Carta VII*, 338 c -350 a), que nos conta sua admiração e seus agradecimentos pela intervenção eficaz de Arquitas e seus amigos, estes libertam o filósofo que era mantido prisioneiro pelo tirano Dionísios II (o jovem). A situação era periclitante, pois Platão enfrentava sérios riscos de ser assassinado em sua terceira e última viagem à Sicília¹⁴ (361 a.C.). Conjectura-se que Arquitas tenha exercido uma grande influência sobre Platão¹⁵ e que o tenha convencido da importância do mundo matemático dos números e das figuras, um conjunto de realidades subtraídas do devir, obedecendo a uma ordem estritamente racional capaz de decifrar a ordem do universo como proporção e simetria.

O que nos parece verossímil, em todo caso, é que a partir dos possíveis encontros com Arquitas ou com aqueles de seu círculo, Platão descobre a importância para a filosofia da teoria das proporções. Platão apreendeu as propriedades desta teoria¹⁶ e as aplicou com extremo rigor aos problemas filosóficos e, como veremos, estes conhecimentos estão implicados na divisão da Linha feita na *República*.

-
- 14 Schuhl, P.-M. *L'Oeuvre de Platon*. Paris: Vrin, 5 ed., 1971, p. 9. Robin, Leon. *La Pensée Grecque*. Paris: Albin Michel, 3 ed., 1973, p. 207.
- 15 Schuhl, P.-M. *Études sur la Fabulation Platonicienne*. Paris: PUF, 1947, p. 34. Schuhl, P.-M. *L'Oeuvre de Platon*. Paris: Vrin, 5 ed., 1971, p. 75.
- 16 Uma prova de que Platão conhecia os três tipos de *analogia* pode ser obtida no *Timeu* 31b-32c para a *analogia* geométrica (contínua), e em 34b-37a para a *analogia* aritmética e a harmônica. Brice Parain, em seu livro *Essai sur le logos platonicien* (Paris: Gallimad, 1969), defende uma tese radicalmente oposta, em que considera um erro atribuímos qualquer sentido matemático aos usos da palavra *analogia* em Platão, nos diz que devemos evitar “pecar por excesso de precisão moderna” (p. 160, n. 3) e “Se *logos*, nos diálogos de Platão, pode ser às vezes, justamente, ser traduzido por nosso termo *relação*, é unicamente em função de uma teoria da linguagem como sistema de relações, que somente parece ter se imposto a Platão em seu último período, e sem nenhum conteúdo matemático preciso” (p. 200, n. 3), e conclui: “A *analogia* platônica parece ser sobretudo uma proporção cujos termos são palavras, qualidades e não quantidades” (p. 162). Brice Parain vai mais longe ao dizer que os fragmentos de Arquitas são apócrifos e posteriores ao *Timeu*, logo, são os fragmentos que se formaram a partir do *Timeu*, e não o inverso, como normalmente se pensa (p. 160, n. (1); p. 200, n. 3; p. 203). Esta tese vai de encontro às posições da grande maioria dos comentadores de Platão, e por isso, mereceria um estudo mais detalhado dos seus pressupostos, o que faremos em uma outra oportunidade. Em um pequeno, mas preciso, artigo “A noção de analogia no *Timeu* de Platão e na tradução de Cícero” (In: *Hypnos*, nº 12, 2004, p. 37-48), France Yvonne Murachco em sua análise dos aspectos etimológicos aponta para a distância que nos separa da significação da ‘analogia’ grega e o que hoje entendemos por esta palavra, cujo significado atual é o de uma similitude e que a palavra proporção hoje expressaria melhor a significação da ‘analogia’ grega. Entretanto, a autora não parece atenta para o fato de que já para os antigos a ‘analogia’ poderia ser de quatro ou de três termos, e como mostraremos há consequências filosóficas importantes em relação a este ponto.

P. Aubenque defende a tese de que a divisão da Linha obedece a uma rigorosa estrutura matemática (*analogia contínua*) onde se deduz que os termos intermediários são iguais.

I – Quando dividimos uma linha, ou melhor, um segmento, segundo uma certa relação, e em seguida, subdividimos cada um dos segmentos seguindo a mesma proporção da primeira divisão, teremos nesta construção os dois segmentos intermediários iguais.



II – Se $a/b = c/d = a + b / c + d$ (A), se $a/b = c/d$, podemos, invertendo os meios, obter que $a/c = b/d$ e, por adição dos numeradores e dos denominadores, temos: $a/c = b/d = a + b / c + d$ (B), em virtude da igualdade (A) temos $a/c = b/d = a/b = c/d$, donde $b/d = c/d$, logo, conclui-se que $b = c$.

“Que este seja o caso da Linha da *República* não resta a menor dúvida, mesmo se este fato geométrico incontestável passou freqüentemente desapercibido ou, quando foi reconhecido, foi contestado, se não em si mesmo, ao menos em suas pressuposições”.¹⁷

Resumindo a argumentação de P. Aubenque em três momentos:

1 – Argumento matemático pela leitura de $\acute{\alpha}\nu\iota\sigma\alpha$ e não $\acute{\alpha}\nu\ \acute{\iota}\sigma\alpha$: para que possamos ter como consequência a igualdade dos termos intermediários é preciso que a linha seja, de início, dividida em segmentos desiguais. A confirmação deste pressuposto está na seqüência da construção onde a segunda divisão se diz “ $\acute{\alpha}\nu\acute{\alpha}\ \tau\acute{\omicron}\nu\ \acute{\alpha}\nu\tau\acute{\omicron}\nu\ \lambda\acute{\omicron}\gamma\omicron\nu$ ” (509 d 8), “segundo a mesma relação”, pois como poderíamos subdividir cada um dos dois segmentos se esta “relação” fosse 1/1. Teríamos uma analogia do tipo $1/1 = 1/1$, caso limite onde a igualdade geométrica de duas relações se reduz a uma igualdade aritmética de dois termos $1=1$. Perde-se a função própria da analogia, que é a de pensar a igualdade de relação entre termos desiguais.

2 – Objeção de R. S. Brumbaugh: se os termos intermediários são iguais, contrariamos a tese de segmentos desiguais. Devemos escolher ou bem desigualdade, ou bem a proporção.

¹⁷ Aubenque, P. art. cit. (1992), p. 38.

Dois contra-argumentos de P. Aubenque:

I – A referência aos segmentos desiguais na primeira frase só diz respeito à primeira divisão.

II – A proporção utilizada é contínua.

Outras Objeções à igualdade dos termos intermediários: D. Ross/A. Wedberg. a – Platão não desejava esta consequência. b – E da qual não podemos tirar nenhuma significação simbólica.

Refutação de Aubenque destas duas teses:

III – Platão era um matemático competente e conhecia bem a teoria das proporções como é atestado no *Timeu* e em outros textos.

IV – Para a descontinuidade das duas grandes regiões, Platão poderia ter criado segmentos desiguais em linhas diferentes, para a descontinuidade interna de cada região bastaria ter subdividido cada parte segundo uma mesma relação, mas desigual em relação às duas grandes divisões; obteríamos uma *analogia*, porém *descontínua*.

3 – A passagem¹⁸, *República*, VII, 533e - 534a, confirma o fato de que Platão conhecia a propriedade característica da *analogia contínua*, onde os termos médios são iguais; e sabia utilizá-la. Neste texto, Platão retoma os ensinamentos da Linha e faz corresponder à primeira divisão (*μοῖρα*) a ciência (*ἐπιστήμην*), à segunda o pensamento discursivo (*διάνοια*), à terceira a crença (*πίστις*) e à quarta a conjectura (*εἰκασία*), o conjunto das duas primeiras constitui a inteligência (*νοῦς*), cujo objeto é a essência (*οὐσία*), os das duas últimas constitui a opinião (*δόξαν*), cujo objeto é o devir (*γένεσις*). Platão constrói a seguinte proporção:

ousia/genesis = N = nous/doxa = episteme/pistis = dianoiia/eikasia (B) (534 a)

18 “– Bastará pois – prosseguir – denominar, como anteriormente, ciência a primeira divisão do conhecimento, pensamento discursivo a segunda, fé (crença) a terceira e imaginação (conjectura) a quarta; compreender as duas últimas sob o nome de opinião e as duas primeiras sob o nome de inteligência, tendo a opinião por objeto a geração (devir), e a inteligência, a essência; e acrescentar que o que a essência é em relação à geração (devir), a inteligência o é em relação à opinião, a ciência em relação à fé (crença) e o conhecimento discursivo em relação à imaginação (conjectura).” Trad. R. Baccou, p. 133. Na nota (61) de sua tradução desta passagem, R. Baccou após mostrar as relações analógicas estabelecidas aqui, observa que “O enunciado destas razões comprova que Platão conhecia perfeitamente as propriedades das proporções que estabeleceu no livro VI, 509 d.”

Estas igualdades não decorrem imediatamente das regras de construção, enunciadas em 509 d, que nos autoriza a dizer apenas que:

$$N = \text{nous/doxa} = \text{episteme/dianoia} = \text{pistis/eikasia} \quad (A) \quad (509 \text{ a})$$

Entretanto, não há contradição ou incompatibilidade entre as proporções (B) e (A). Porque (B) se deduz de (A), uma vez que neste caso particular, *nous* = *episteme* + *dianoia* e *doxa* = *pistis* + *eikasia* e há igualdade dos termos intermediários o que nos dá a possibilidade de substituirmos um pelo outro sem mudarmos a relação *N*.

$$(c + d) / (a + b) = d/c = b/a \quad (A)$$

Se, como vimos, $b = c$, substituindo b por c em d/c , e c por b em b/a da equação (A), temos: $d/b = c/a$. É justamente esta consequência que Platão encontra ao formular a equação (B) em (534 a 2-4). Se Platão extrai a igualdade (B) da igualdade (A) é porque conhecia a propriedade particular desta construção, a igualdade dos termos intermediários, no caso, *pistis* e *dianoia*, que são matematicamente reversíveis. Esta característica deve-se não à *analogia*, mas ao seu caráter contínuo.

Aceitando-se a igualdade dos segmentos intermediários e que Platão conhecia e desejava esta consequência de sua construção, qual é a sua significação filosófica?

Na conclusão da sua análise desta passagem, P. Aubenque¹⁹ encontra três consequências estruturais do caráter contínuo da *analogia* da Linha: 1 – Tripartição da realidade: sensíveis, intermediários matemáticos e inteligíveis. 2 – Relativização da “separação”²⁰. 3 – O platonismo como uma filosofia da continuidade.

Uma vez que nosso objetivo é apenas o de revelar o vínculo entre as questões relacionadas ao uso e o significado filosófico da *analogia* conforme analisadas por P. Aubenque nesta passagem da Linha com outras indicações feitas por ele em outros artigos²¹, deixaremos de lado o comentário destas conclusões, cujo âmbito dos problemas relacionados é muito maior do que o que nós havíamos proposto como nosso tema.

19 Id. Ibid. 43-44.

20 O sensível e o inteligível podem então ser pensados como “os termos de uma dissociação” e não como um dualismo radical, ver Monique Canto-Sperber (dir.). *La Philosophie Grecque*. Paris: PUF, 1997, p. 236.

21 Ver nota (5) acima.

Podemos concluir então, que Platão não só possuía conhecimentos matemáticos precisos que estavam em circulação em sua época, particularmente a teoria das proporções atribuída ao pitagórico Arquitas de Tarento, como os aplicou aos problemas filosóficos. Mas, em que medida estas aplicações filosóficas da *analogia* convergem ou divergem das utilizações deste conceito feitas por Aristóteles? Os comentaradores neoplatônicos de Aristóteles foram, se não os primeiros²², os que de fato – com o explícito desejo de uma reconciliação entre Platão e Aristóteles – modificaram o sentido restritivo da *analogia* em Aristóteles, associando-a com a *semelhança*.

Mas, não estariam estes comentaradores seguindo uma orientação já presente no texto platônico? É o que acredita P. Aubenque, quando afirma que “de um ponto de vista formal, o funcionamento da *analogia* em Aristóteles permanece idêntico ao de Platão”²³, quer dizer, o sentido geométrico de igualdade entre pelo menos duas relações; entretanto, do ponto de vista da sua significação filosófica (gnosiológica e metafísica), há uma enorme divergência.

Gnosiologicamente, Platão está interessado no caráter genuíno oferecido pela *analogia contínua*, como demonstra a passagem do (*Timeu* 31 c). Metafisicamente, e ainda mais importante, é um outro sentido que encontramos em Platão, e que P. Aubenque denomina de “paradigma da analogia filosófica”.²⁴ Sentido este que podemos verificar em outra passagem – não menos famosa em relação às anteriores – da *República* VI, 509 a-b onde temos a comenta-

22 Aubenque (1978, p. 12) reconhece que já em Teofrasto podemos encontrar este acoplamento da analogia com uma dependência causal do princípio. A pergunta: como podemos conhecer a essência primeira? Teofrasto nos responde que seu conhecimento só pode ser alcançado “segundo a *analogia* ou segundo alguma outra *semelhança*” (*Metafísica*, I, 4 b 11. Trad. J. Tricot). E logo a seguir, completando sua resposta, acrescenta que é necessário sem dúvida apreendê-la (essência primeira) “segundo alguma potência ou eminência que ela teria sobre as outras coisas, como se tratasse de Deus: porque é o divino o Princípio de todas as coisas, através do qual as coisas são e permanecem” (*Metafísica*, I, 4 b 12-16, trad. J. Tricot). Se for possível afirmar que encontramos aqui, o uso verticalizante da *analogia* (o mesmo apresentado por Platão Rep. VI, 509 a-b), ou seja, aquele em que a *analogia* se confunde com a relação de proveniência (*aph' henós*); podemos dizer que, tanto em Platão como em Teofrasto, a *analogia* permanece com sua significação primitiva, ou seja, uma igualdade de relações entre termos (Aubenque, 1989, p. 293). Não é suficiente uma relação entre termos para que possamos ter uma *analogia*, é preciso que haja igualdade entre pelo menos duas relações. Será somente no fim da Antiguidade com os comentaradores neoplatônicos de Aristóteles, que segundo Aubenque (1989, p.302-303), teremos, a partir de uma modificação da teoria da significação de Aristóteles, particularmente da teoria da homonímia, o abandono definitivo do sentido proporcional da analogia em nome de um outro sentido, substituído do primeiro e inteiramente independente dele.

23

24 Aubenque, P. art. cit. (1989), p. 293.

Aubenque, P. art. cit. (1978), p. 12. Em outro texto (art. cit, 1981, p. 72), P. Aubenque utiliza a expressão “paradigma da analogia metafísica”. Com estas expressões ele quer notar que foi Platão e não Aristóteles quem inventou este uso da analogia que ele caracteriza como sendo pré-tomista.

díssima²⁵ analogia do Sol com o Bem. *Mundo sensível / iluminado pelo Sol = Mundo inteligível / iluminado pelo Bem*. Ao lado da estrutura matemática de proporção se acopla uma outra significação. O Sol é dito o *análogo* (ἀνάλογον) do Bem, mas isto só é possível porque o Sol é primeiramente o filho do Bem, seu rebento. É o Bem quem doa o ser e a verdade aos entes. Temos então como fundamento da analogia uma relação de dependência, mais precisamente uma relação de proveniência. “A unidade κατ’ ἀναλογίαν está fundada sobre a unidade ἀφ’ ἐνός. Reconhece-se a árvore pelos seus frutos, os pais, pelos seus filhos: a *semelhança* é ao mesmo tempo o efeito e o signo da filiação”²⁶. É justamente essa associação, conclui P. Aubenque, que será recusada por Aristóteles.

Duas diferenças se destacam desta aproximação entre Platão e Aristóteles no que diz respeito aos usos filosóficos do conceito da analogia, nas análises de P. Aubenque: em primeiro lugar uma associação do sentido matemático-horizontal, com o sentido de proveniência, ou seja, uma dependência em relação a um termo superior (hierarquia), sentido que verticaliza a analogia; e em segundo lugar, a ênfase, ou melhor, a valorização da analogia geométrica contínua em detrimento da analogia geométrica descontínua, a única a desempenhar um papel filosófico em Aristóteles.

Antes de concluirmos, devemos fazer uma importante ressalva ausente dos comentários de P. Aubenque. Extraída do seu contexto, esta passagem da *República* poderia nos induzir a equívocos a respeito da filosofia de Platão, no que diz respeito à Idéia do Bem²⁷. Quando Platão nos apresenta esta analogia, ele tem o cuidado de assinalar que se trata de uma imagem e não da própria definição da Idéia do Bem, que somente será enunciada mais tarde. Esta imagem, a primeira de uma série em que temos também a passagem da Linha e da Caverna, é uma preparação, uma primeira aproximação da Idéia do Bem, cujas imperfeições (idéia do Bem a partir dos seus efeitos) serão corrigidas pela definição verdadeira.

25 No número 1-2/1991, Des Grecs da *Revue Descartes* encontramos dois artigos, um de Monique Dixsaut “La analogie intenable” e outro de Jonathan Barnes “Le soleil de Platon vu avec des lunettes analytiques”, onde os autores a partir de tradições comentaristas distintas nos brindam com duas exemplares abordagens desta analogia estabelecida por Platão entre o Sol e o Bem.

26 Aubenque, P. art. cit. (1978), p. 12.

27 Dixsaut, M. *République* (livres VI et VII). Paris: Bordas, 1986, p. 89-92. Apoiados pelo comentário neoplatônico muitos comentadores ainda hoje defendem uma interpretação ‘esoterista’ desta passagem. Para uma crítica forte desta interpretação, ver também: Luc Brisson. *Leituras de Platão*. Trad. Sonia Maria Maciel. Porto Alegre: EDIPUCS, 2003, p. 105-110.

Podemos agora dizer que de Platão a Euclides a *analogia contínua* cede seu posto privilegiado para a *analogia descontínua*, ela é apenas um caso particular da *descontínua*, aquele em que os termos médios são iguais. Poderíamos ver nesta evolução da *analogia* grega clássica o nascimento de uma consciência crítica dos limites no interior dos quais o conceito da *analogia* pode e deve assumir algum valor para a filosofia? E mais, que após Aristóteles e já com Teofrasto teria se perdido, sendo resgatado por Kant²⁸ em sua crítica a Leibniz?

28 Lebrun, Gerard. *Kant e o fim da Metafísica*. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p. 299.